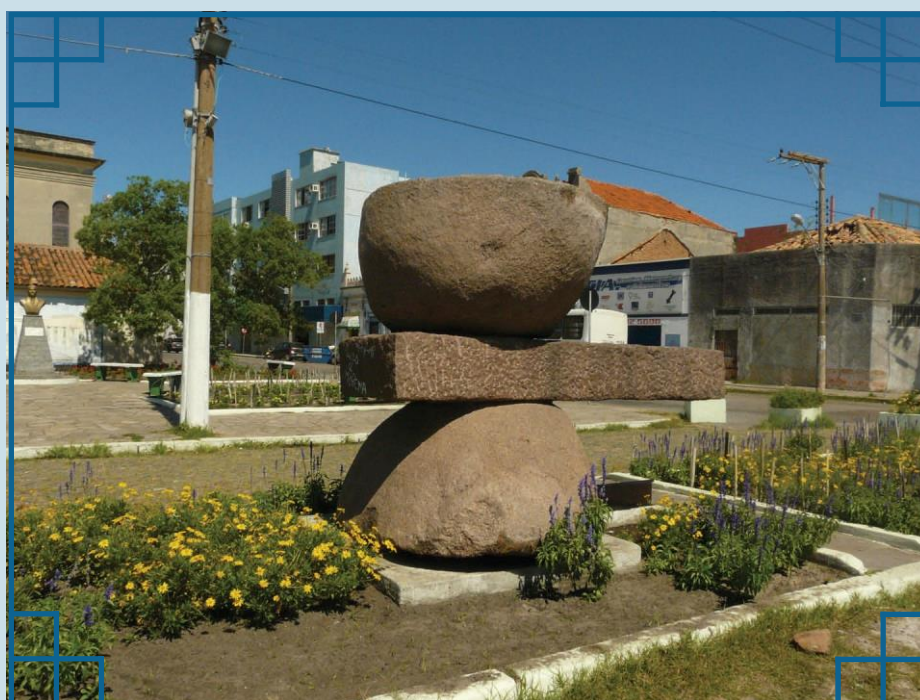


AMBIENTE VIRTUAL DE ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL



A Arte depois do Modernismo

Segunda metade do século XX



Michelle Coelho Salort

MICHELLE COELHO SALORT

A ARTE DEPOIS DO MODERNISMO- SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

1ª edição

Rio Grande
Edição do Autor
2018

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
Informações concedidas pelo autor

S175a

Salort, Michelle Coelho

Ambiente Virtual de Arte-Educação Ambiental : A arte depois do
Modernismo - Segunda metade do século XX. / Michelle Coelho Salort
. 1. Ed. – Rio Grande: Ed. do autor, 2018.

19 p. ; il.

Inclui bibliografia.

1. História da Arte. 2. Expressões artísticas.

3. Movimentos artísticos. 4. Arte Op. 5. Arte Pop. I. Título

ISBN 978-85-924816-2-9

CDD 709.04071

Bibliotecária responsável: Paula Simões – CRB 10/2191

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

No Mundo

A segunda metade do século XX é marcada pelo recomeço e recuperação dos grandes centros urbanos, principalmente na Europa, após a Segunda Guerra Mundial e, nos Estados Unidos, depois da quebra da bolsa. Nesse período, a indústria tem uma importância grandiosa, pois é ela que abastece o mercado para uma população cada vez maior. É nesse contexto que surgem a Op Art e a Pop Art, dois modos de expressão artística que ganham força, o primeiro, por questionar a possibilidade de mudança constante da realidade e o segundo por expressar a realidade contemporânea, sobretudo, a partir da tecnologia industrial.

Op Art

Op Art significa arte óptica e sua intenção era produzir a sensação óptica de movimento no olhar do observador. Esse efeito é conseguido pela acomodação de figuras geométricas coloridas ou em preto e branco que provocam no expectador a impressão de movimento, e ainda, se o observador se movimenta,

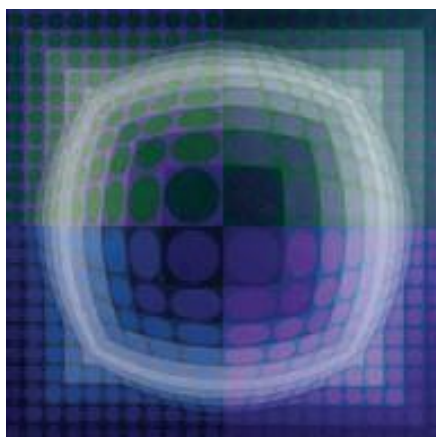


Figura 01. *Pal-Ket*, Victor Vasarely, 1973-74
Fonte: Museu de Belas Artes, Bilbao. <http://www.museobilbao.com/>

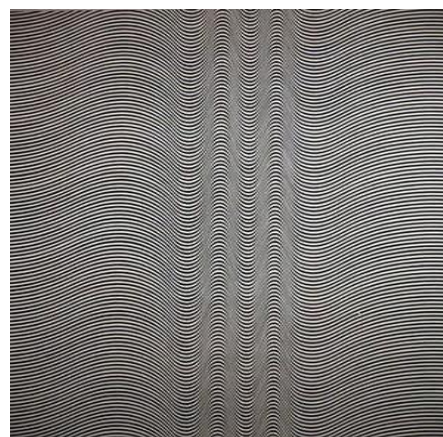


Figura 02. *Corrente*, Bridget Riley, 1964.
Fonte: Museu de Arte Moderna de Nova York- Mo-MA. <http://www.moma.org/>

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

ele também tem a impressão de que a obra se modifica. O precursor da Op Art foi Victor Vasarely (1908-1997) como podemos observar em sua obra *Pal-ket* (Figura 01). As obras de Bridget Riley (1931), como *Corrente* (Figura 02) também impressionam (PROENÇA, 2010).

A busca pelo movimento também influenciou a obra de Alexander Calder (1898-1976), pois ele inventou esculturas que se movimentam, batizadas de “móbiles” como é possível observar em *Armadilha que se movimenta e História de Peixe* (Figura 03) (STRICKLAND, 2002).

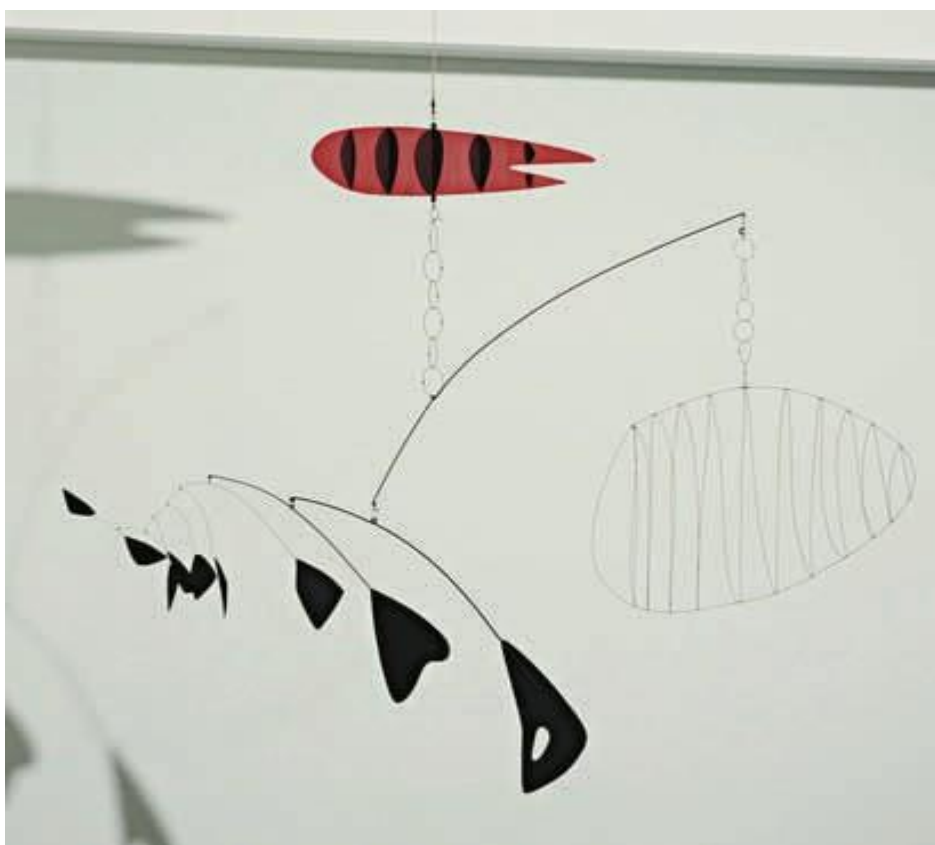


Figura 03. *Armadilha que se movimenta e História de Peixe*, Alexander Calder, 1939.

Fonte: Museu de Arte Moderna de Nova York- MoMA. <http://www.moma.org/>

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

Pop Art

Pop Art, assim como Op Art, também é uma expressão da língua inglesa e significa “Arte Popular”. A Pop Art foi um movimento artístico que começou nos Estados Unidos na década de 1960 e teve repercussão no mundo inteiro. Os artistas usavam objetos do cotidiano, fabricados em indústrias. Os recursos eram semelhantes aos meios de comunicação em massa, como a tevê, a publicidade, o cinema, etc. Um exemplo para conhecer a Pop Art é o trabalho de Andy Warhol (1930-1987), com uma fotografia da famosa atriz norte-americana Marilyn Monroe (Figura 04), Warhol expõe sua imagem em sequência com variações de cores, mas os traços da atriz permanecem os mesmos (PROENÇA, 2010).



Figura 04. *Marilyn Monroe*, Andy Warhol, 1967.

Fonte: Museu de Arte Moderna de Nova York- MoMA. <http://www.moma.org/>

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

Warhol apresenta ao expectador a ideia de que as imagens são manipuladas, inclusive as imagens das personalidades, que não são apresentadas para o público com naturalidade, mas de diferentes formas, para consumirmos a que mais nos agrada.

Roy Lichtenstein (1923-1997) é outro artista ícone da Pop Art. Sua obra é produzida a partir de influências das histórias em quadrinhos e o artista usa cores primárias, além do branco e o preto delineando figuras, e pontos mecânicos de impressão. Ele propõe algo diferente, com uma impressão produzida por uma máquina, como podemos observar em *Moça com Bola* (Figura 05).



Figura 05. *Moça com Bola*, Roy Lichtenstein, 1961.

Fonte: Museu de Arte Moderna de Nova York- MoMA

O que a Pop Art fez foi questionar o consumo e a produção industrial de sua época e a natureza da obra de arte, afinal, o que seria uma obra de arte? Esse era o

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

grande questionamento desde Duchamp, com seus *ready-mades*. É importante entender que, a partir da década de 1960, esses questionamentos serão cada vez mais intensos, e que os movimentos artísticos aparecem e desaparecem com a mesma rapidez, tudo é muito instável.

Um exemplo interessante é a obra de Joseph Beuys, intitulada *Como explicar quadros a uma lebre morta* (Figura 06). A fotografia é o registro de uma ação performática que Beuys realizou na Galeria Schmela, em Düsseldorf, na Alemanha em 1965 (Figura 07) (PROENÇA, 2010).



Figura 06. *Como explicar quadros a uma lebre morta (performance)*, Joseph Beuys, 1965.

Fonte: Galerie Schmela, Düsseldorf <http://www.cyberartes.com.br>

A imagem curiosa mostra a tentativa do artista em explicar quadros para uma lebre morta, como se isso fosse possível, mas nos faz questionar sobre a

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

possibilidade de explicar um quadro a qualquer pessoa: será que é realmente possível? Será realmente a função da arte? Explicação ou sensação, qual é a função da obra de arte, afinal? A partir de tais questões é preciso abrir os olhos diante das obras e deixar que elas nos inquietem e provoquem

sentimentos e sensações, pois este é o objetivo dos artistas: nos provocar, não nos explicar.



Figura 07. *Pessoas ao Sol*, Edward Hopper, 1960.

Fonte: Smithsonian American Art Museum, Washington D.C.



Figura 08. *Passageiros de ônibus*, George Segal, 1964.

Fonte: Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington D.C. <http://www.hirshhorn.si.edu/>

O norte-americano Edward Hopper (1882-1967) é um artista que traz a temática da solidão em meio à multidão. Em *Pessoas ao Sol* (Figura 07) observamos pessoas sentadas lado a lado, fazendo exatamente a mesma coisa, à exceção de um rapaz que lê um livro. Entretanto, todas elas estão sozinhas em suas individualidades; não conversam, não interagem, estão sós! A solidão é um tema recorrente na modernidade, pois a competição impôs ao sujeito a individualidade e o isolamento, mesmo convivendo em meio a outras pessoas.

A solidão também é o que o artista George Segal (1924-2000) aborda em *Passageiros de*

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

ônibus (Figura 08): são figuras em gesso branco e materiais diversos que simbolizam todos os que andam nesse tipo de transporte diariamente. A falta de detalhes, de características pessoais torna estas figuras todas iguais, podendo representar qualquer pessoa (PROENÇA, 2010).

Qual é o limite de uma pintura?

É esse questionamento que o artista norte-americano Frank Stella (1936) coloca



para o observador, como é possível perceber em *Kastura* (Figura 09), que não apresenta um formato de pintura convencional; não é quadrada, nem retangular e também não tem uma superfície como uma tela, uma chapa de madeira, somente uma grade que revela em seu interior o espaço que a sustenta. Estes questionamentos vão ser também os dos brasileiros Hélio Oiticica e Nuno Ramos, como veremos adiante.

Figura 09. *Kastura*, Frank Stella, 1979.

Fonte: Museu de Arte Moderna de Nova York-MoMA



A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

Enquanto isso, no Brasil...

O Brasil de 1950 ainda apresentava dificuldades em aceitar o Modernismo, sobretudo pela precariedade dos meios de comunicação. Hoje, é difícil imaginar o mundo sem a internet ou o celular, mas na década de 1950, a comunicação não estava ao alcance da mão, principalmente se atentarmos para o fato de a tevê ter sido criada em 1951, em caráter experimental, e não havia microcomputador. A comunicação era feita basicamente por meio do rádio e jornais impressos. Você consegue imaginar como era essa época?

No cenário artístico, é nesse período que começam a ser construídos os primeiros museus. Em 1947, o Museu de Arte de São Paulo – MASP; em 1948, o Museu de arte Moderna de São Paulo – MAM e, em 1949, o MAM do Rio de Janeiro. É nesse contexto que o empresário Francisco Matarazzo Sobrinho decidiu criar uma Bienal, como a que existia em Veneza, e, assim, em 1951, aconteceu a I Bienal de São Paulo, com a presença de mais de 20 países, inaugurando a divisão entre arte Abstrata e Concreta (BEUTTENMÜLLER, 2002).

O Abstracionismo

O Abstracionismo foi um movimento ligado ao não figurativo, que se destaca com os artistas japoneses radicados no Brasil entre 1930 e 1960. Entre eles, está Manabu Mabe (1942-1997) e Tomie Ohtake (1913) (PROENÇA, 2010).

Manabu Mabe é considerado o pioneiro do abstracionismo no Brasil. Ele foi pintor, desenhista e tapeceiro nascido em Kumamoto, Japão, e veio para o Brasil com apenas dez anos a bordo do navio La Plata Maru. Trabalhava na lavoura de café no interior do Estado de São Paulo, na cidade de Lins. Começa a pintar para se distrair em dias chuvosos, quando não podia trabalhar na lavoura. Em 1945, uma geada comprometeu a safra de café, porém, a arte ganhou um de seus ícones, pois, com o

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX



Figura 10. *Natureza-Morta*, Manabu Mabe, 1952.

Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. <http://www.mnba.gov.br/>

intuito de passar o tempo, Mabe adquire tintas a óleo e faz suas primeiras obras ligadas ao figurativo, como podemos observar em *Natureza-Morta* (Figura 10). Entretanto, a partir da década de 1950, o artista se dedica à arte não figurativa, em que a vibração das cores e a harmonia das formas se combinam em suas obras, como percebemos em *Abstracionismo* (Figura 11).

Tomie Ohtake nasceu no Japão, mas veio morar no Brasil em 1937 e começou sua carreira como pintora em 1952. Assim como Mabe, no início, sua pintura era figurativa e registrava a paisagem urbana de seu entorno em pequenos formatos. Na década de 1960, começa a pintar formas abstratas, trabalhando apenas com a cor e a composição, como é possível perceber em

Pintura (Figura 12). Em sua opinião, o artista não deveria estar alheio à sua realidade e a obra de arte tampouco deveria registrar o contexto do artista, mas sim transcender, por isso ela cria uma imagem sem nenhuma tentativa de figuração. É considerada uma das principais representantes do abstracionismo brasileiro. Sua obra



Figura 11. *Abstracionismo*, Manabu Mabe, 1967.

Fonte: Pinacoteca do Estado de São Paulo. www.pinacoteca.org.br

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

abrange pinturas, gravuras e esculturas, muitas expostas em locais públicos, principalmente na cidade de São Paulo, como o *Monumento à Imigração Japonesa* (Figura 13) na Avenida 23 de Maio (PROENÇA, 2010).

Nosso município também tem um monumento em homenagem ao Cinquentenário da Imigração Japonesa, você conhece a obra?

Em agosto de 1956, atracou no porto o navio Brasil Marú. A bordo, estavam os primeiros 23 imigrantes japoneses que chegaram para trabalhar, principalmente na agricultura, em vários municípios gaúchos.

Assim, em 18 de agosto de 2006, Rio Grande comemorou o Cinquentenário

da Imigração Japonesa com a inauguração de um monumento alusivo à data (Figuras 14 e 15), na Praça dos Pescadores, ao lado das Docas do Mercado Municipal.



Figura 14. *Homenagem ao Cinquentenário da Imigração Japonesa, 2006.*

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX



Figura 15. *Homenagem ao Cinquentenário da Imigração Japonesa*, 2006.

Fonte: Michelle Salort – Acervo Pessoal

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

O Concretismo

O que é arte concreta? Qual é a diferença da arte concreta para a arte abstrata? A arte concreta ficou conhecida por expressar o sentimento do artista usando formas geométricas com disciplina, rigor e pureza. Já a arte abstrata seria a expressão do artista por meio da informalidade, do não figurativo.

A Arte Concreta foi um dos movimentos artísticos mais relevantes do Brasil no século XX, influenciando a literatura, a arquitetura, a música, o desenho industrial e a comunicação visual.

Em 1936, o artista suíço Max Bill (1908-1994) fez uma diferenciação entre a arte abstrata e concreta em que ele emprega a expressão “arte concreta” para designar uma arte construída a partir das leis matemáticas. Bill participou da I Bienal de São Paulo com sua obra *Unidade Tripartida* (Figura 16).



Figura 16. *Unidade Tripartida*, Max Bill, 1948-49.

Fonte: <http://www.mac.usp.br>

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

Além disso, a Arte Concreta foi um dos movimentos mais importantes em nosso país, com seu líder Waldemar Cordeiro (1925-1973) e cujo objetivo principal era não representar objetos ou a natureza, mas sim, a riqueza das formas geométricas, como podemos observar em sua obra *Movimento* (Figura 17). Além de trabalhar com a Arte Concreta, Cordeiro também foi um precursor da arte feita em computador – Arteônica –, sempre buscando uma atualização dos códigos artísticos para expressar a contemporaneidade. A partir de 1950, foi integrante e idealizador do Grupo Ruptura, considerado a semente da Arte Concreta brasileira, participou da exposição de mesmo nome em 1952 no Museu de Arte Moderna de São Paulo e também da Exposição Nacional de Arte Concreta em São Paulo, em 1956, e no Rio de Janeiro em 1957.

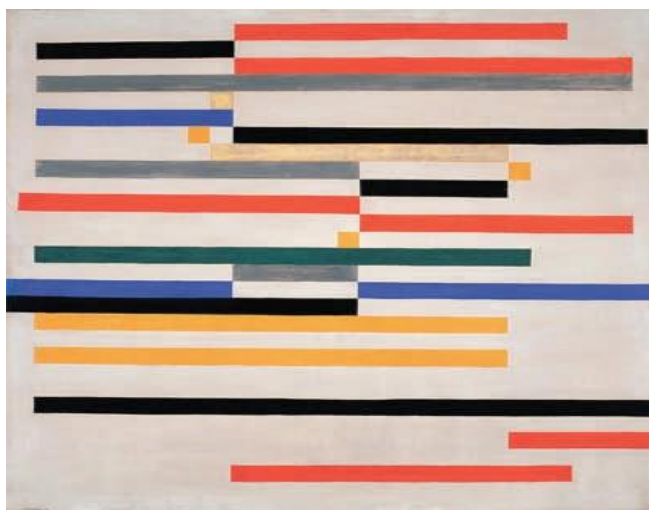


Figura 17. *Movimento*, Waldemar Cordeiro, 1951.

Fonte: <http://www.mac.usp.br>

Luiz Sacilotto (1924-2003) nasceu em Santo André, São Paulo, um dos maiores parques industriais do Brasil daquela época. Estudou Pintura e decoração no Instituto Profissional Masculino do Brás, em 1943, no ano seguinte, trabalhou na

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

Hollerith do Brasil como desenhista e projetista de esquadrias metálicas. Enquanto trabalhava, Sacilotto não deixou de lado a carreira artística, primeiramente figurativa, mas depois se tornou um concretista, participando da exposição Ruptura e das Exposições Nacionais de Arte Concreta em São Paulo e no Rio de Janeiro. Sacilotto preocupava-se com o movimento, com as formas geométricas e os jogos ópticos, sempre relacionados com os meios de produção e em diversos materiais e técnicas, como é possível observar em sua obra *Concreção 5942* (Figura 18).



Figura 18. *Concreção 5942*, Luiz Sacilotto, 1959.

Fonte: Coleção Particular. <http://sacilotto.com.br>

Neoconcretismo

Em oposição ao Grupo Ruptura e à arte Concreta, surge no Rio de Janeiro o Grupo Frente em 1954, que, por sua vez, vai dar origem à arte Neoconcreta em 1959. Seu líder era o poeta Ferreira Gullar, que, inicialmente, era concretista, porém, passou a teorizar sobre uma nova forma de fazer arte, não mais voltada para figuras geometrizadas e o racionalismo da arte concreta, mas para as experiências

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

sensoriais e o processo de criação artístico, surgindo assim, a arte Neoconcreta e o movimento de mesmo nome.

Uma das artistas mais importantes a assinar o Manifesto Neoconcreto foi a mineira Lygia Clark (1920-1988). Clark começou seus estudos no Rio de Janeiro com Burle-Marx e termina em Paris com Fernand Léger e Arpad Szenes. Sua primeira exposição individual foi em Paris, onde muito elogiada pela crítica. Retorna ao Brasil e integra o Grupo Frente. Sua principal busca era o fim da moldura na pintura e a união do bidimensional da pintura com a tridimensionalidade da escultura, assim, construiu suas *Superfícies Moduladas* (Figura 19), placas pintadas com o uso de pistola em preto e branco, e ainda seus *Contrarrelevos* (Figura 20). Estas obras romperam com o espaço convencional da pintura e se fundiram com a escultura, além disso, foi a partir de tais experiências que a artista criou sua série *Bichos* (Figura 21) – construções de superfícies de metal, cortados geometricamente e compostas por diversas dobradiças, permitindo ao observador manusear o quanto quiser. Trata-se de uma estrutura que não representa nada, não é um quadro e tampouco uma escultura, é um “não objeto” (BEUTTENMÜLLER, 2002).



Figura 19. *Plano em superfícies moduladas nº 2*, Lygia Clark, 1956.

Fonte: <http://www.mac.usp.br>



Figura 20. *Contrarrelevo*, Lygia Clark, 1959.

Fonte: <http://www.mac.usp.br>

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX



Figura 21. *Bichos*, Lygia Clark, 1960.
Fonte: <http://www.malba.org.ar>

Outro artista importante do período é Hélio Oiticica (1937-1980). Oiticica nasceu no Rio de Janeiro e, juntamente com Lygia Clark, foi integrante do Grupo Frente e do movimento Neoconcreto, mas antes, passou pelo Concretismo paulista

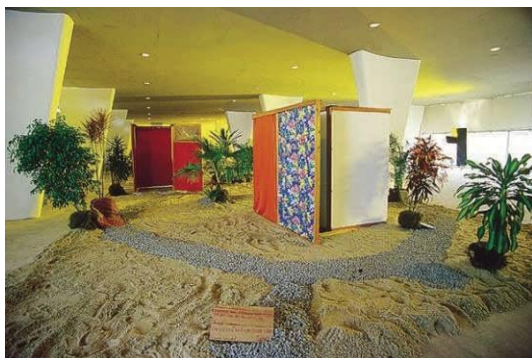


Figura 23. *Tropicália, o grande penetrável*, Hélio Oiticica, 1967.
Fonte: www.telabr.com.br



Figura 22. *Relevô espacial V11*, Hélio Oiticica, 1958/98.
Fonte: Bienal de São Paulo. <http://www.bienal.org.br>

participando das exposições de 1956 e 1957. (BEUTTENMÜLLER, 2002).

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

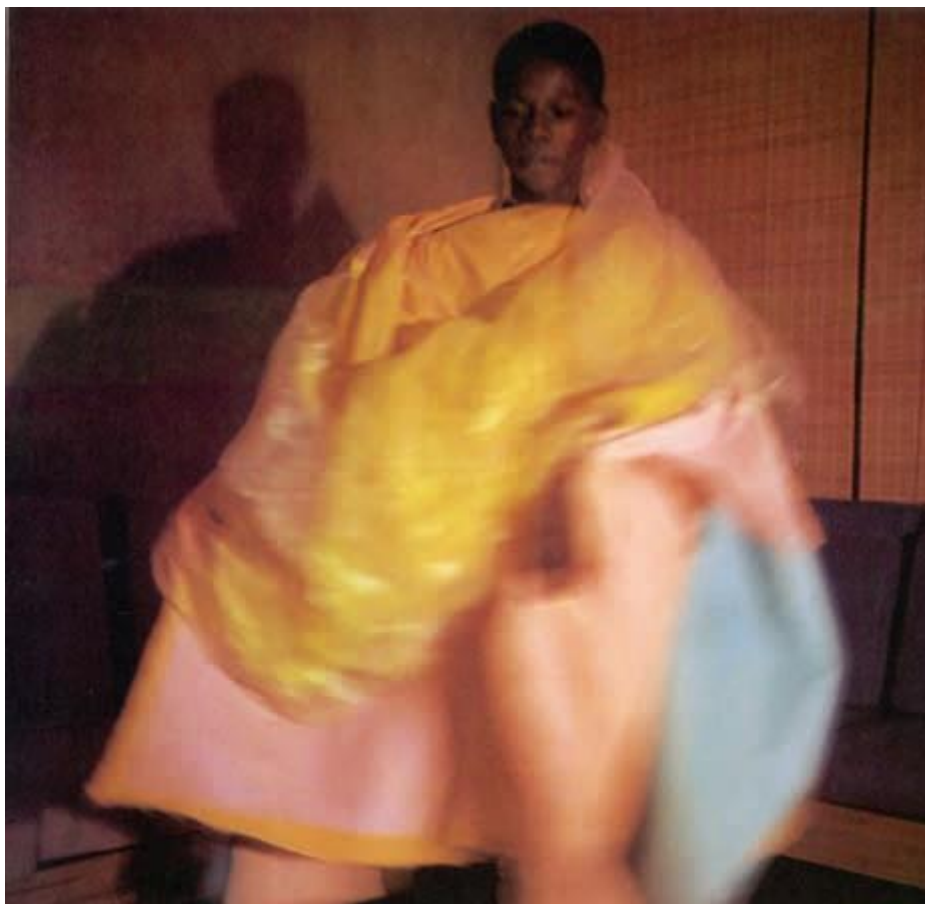


Figura 24. *Parangolé*, Hélio Oiticica, 1965.

Fonte: <http://www.itaucultural.org.br>

Lygia Clark e Hélio Oiticica são considerados os dois artistas mais importantes da arte brasileira deste período. Ambos passaram por transformações em seus estilos e influenciaram a produção artística contemporânea. Além destes dois nomes importantes, podemos destacar Willys de Castro (1926-1988), que, com poucas linhas, sua pintura é confirmada para o observador através do título *Pintura* (Figura 25). Franz Weismann (1911-2005), com sua obra intitulada *Ponte* (Figura 26), faz uma combinação horizontal e vertical com placas quadradas e vazadas em formato circular, e ainda os *Relevos* (Figura 27), de Sérgio Camargo (1969-1990), em que são combinadas formas cilíndricas de madeira pintadas de branco sobre um fundo também

A arte depois do Modernismo - segunda metade do século XX

branco, questionando o espaço na obra e da obra de arte (PROENÇA, 2010). Estes artistas e suas obras sintetizam o ideal do movimento Neoconcreto e influências nos rumos da arte brasileira contemporânea.



Figura 25. *Pintura*, Willis de Castro, 1957.

Fonte: <http://www.escrioriodearte.com>

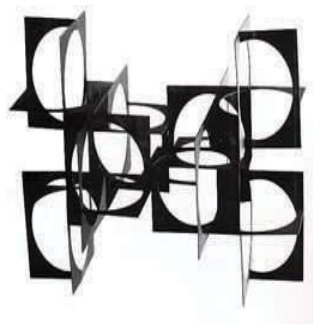


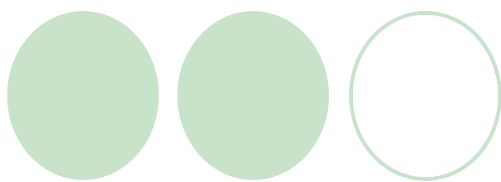
Figura 26. *Ponte*, Franz Weismann, 1958.

Fonte: <http://www.mac.usp.br>



Figura 27. *Relevo*, Sergio Camargo, 1969.

Fonte: <http://veja.abril.com.br>



Referências

BEUTTENMÜLLER, Alberto Frederico. *Viagem pela Arte Brasileira*. São Paulo: Aquariana, 2002.

PROENÇA, Graça. *Descobrindo a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2010.

STRICKLAND, Carol. *Arte Comentada – Da Pré-história ao Pós-Moderno*.

Sites

<http://www.moma.org/>

<http://www.museobilbao.com/>

<http://americanart.si.edu/>

<http://www.hirshhorn.si.edu/>

<http://www.mnba.gov.br/>

pinacoteca.org.br

www.pinacoteca.org.br

<http://vejasp.abril.com.br/materia/guia-obras-publicas-tomie-ohtake-sao-paulo>

<http://www.mac.usp.br>

<http://sacilotto.com.br>

<http://www.malba.org.ar>

<http://www.bienal.org.br>

www.telabr.com.br

<http://www.escritoriodearte.com>

<http://veja.abril.com.br>

<http://www.cyberartes.com.br>

<http://www.riogrande.rs.gov.br/>